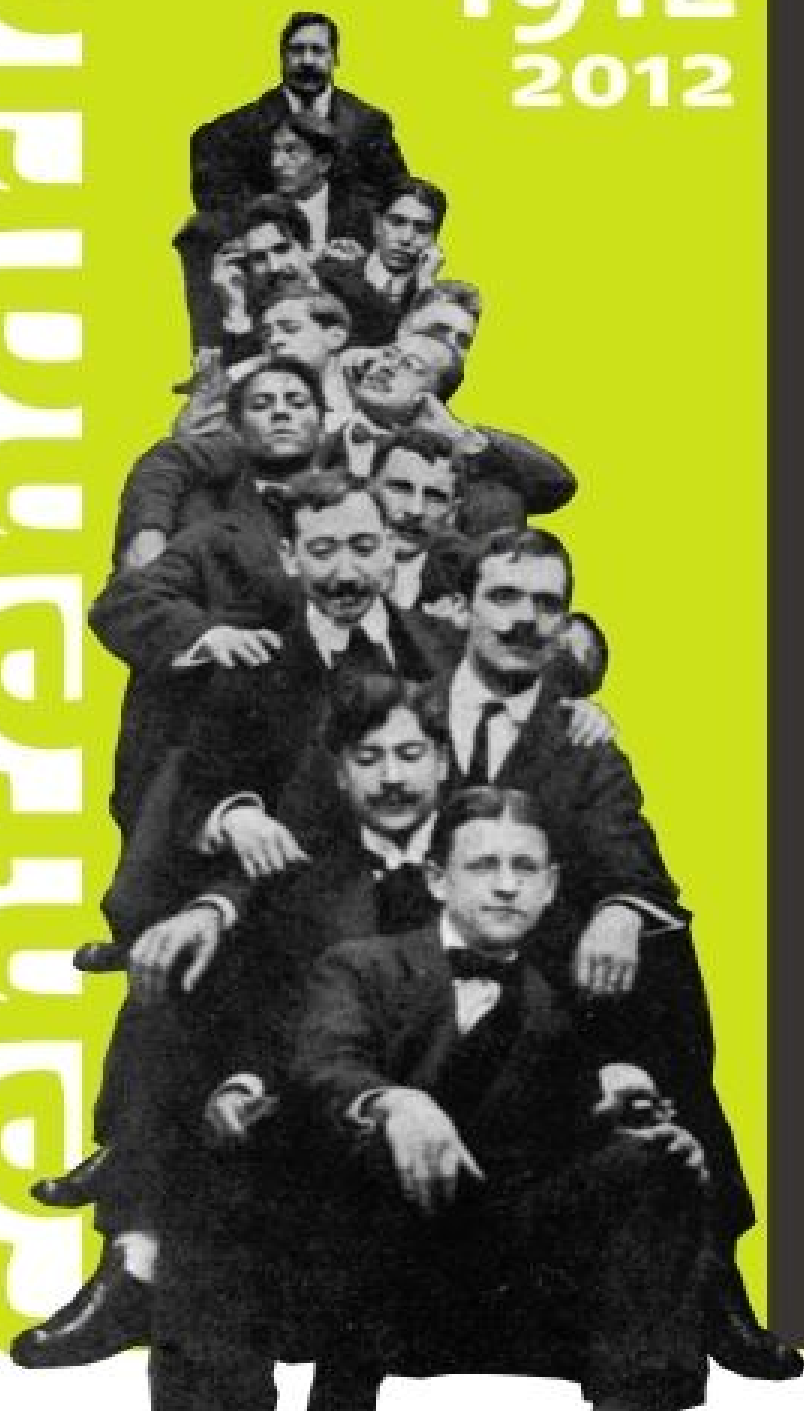


centenário

1912  
2012



# 1º salão dos humoristas

9 de Maio | 30 de Junho

## Mostra Bibliográfica

### Os Salões dos Humoristas

Portugueses em Lisboa

1912 - 1913 - 1920

Impacto na Imprensa da época

---

Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Serviço de Atividades  
Culturais e Educativas  
GUIÃO

---



**B L X**  
BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA  
desde 1883

# OS SALÕES DOS HUMORISTAS

## PORTUGUESES EM LISBOA (1912, 1913 e 1920)

### Impacto na imprensa da época

### MOSTRA BIBLIOGRÁFICA

A pretexto do centenário do I Salão dos Humoristas Portugueses apresentamos na Hemeroteca Municipal de Lisboa uma mostra bibliográfica que aborda o impacto na imprensa da época, não só da primeira exposição dos caricaturistas, mas também dos salões que se realizaram posteriormente na cidade de Lisboa, nomeadamente em 1913 e 1920. Dada a importância cultural dos Salões dos Humoristas Portugueses é com naturalidade que encontramos muitas notícias, relatos e reportagens jornalísticas, seja nas revistas ilustradas, na imprensa literária, política ou popular, seja na imprensa humorística, embora aqui com algumas surpresas, pela omissão, como o bissemanário lisboeta *Os Ridículos*, um dos jornais humorísticos mais importantes que se publicaram neste período, entre 1910 e 1926. Apesar do entusiasmo e dos elogios que se verificam na maior parte dos artigos publicados, não raras vezes temos “impressões” menos agradáveis sobre as obras expostas pelos caricaturistas, entre outras críticas *não artísticas*. A par do contraste, já notório no primeiro salão, entre a “velha” e a “nova” caricatura, um outro sobressai nas peças jornalísticas aqui reunidas, o contraste entre, por um lado, o “dolorosíssimo abatimento (...) por que vai passando a nossa nacionalidade”, e, por outro, o “movimento crescente e magnífico da Literatura e Arte”, que se vivia na cidade de Lisboa, protagonizado, em grande parte, pelos salões dos humoristas. Na antítese da “triste comédia política que se vai desenrolando”, estava o rejuvenescimento cultural que transbordava pela capital “nos demais campos da Arte”.

## I SALÃO DOS HUMORISTAS PORTUGUESES (1912)

1. Na **Brasil-Portugal**, revista quinzenal, a notícia do I Salão dos Humoristas Portugueses ocupa toda a secção “Notas da Quinzena”. Jaime Victor, o autor da crónica, é farto nos elogios: “Os caricaturistas, que são os humoristas da pintura, não quiseram (...) ficar fora da corrente artística. Tiveram também eles a sua exposição, e que soberbo recanto de arte, que precioso museu de espirito, aquele em que conseguiram transformar essas três salas elegantes do Grémio Literário que a Lisboa que pensa, a Lisboa espiritual, a Lisboa da Arte, dos sports, das letras, das elegâncias, tem ido visitar estes dias, numa romagem alegre, levando aos caricaturistas o tributo da sua admiração e do seu agradecimento!” Realça os trabalhos dos já desaparecidos Celso Hermínio, Francisco Teixeira e Bordalo Pinheiro, “o maior de todos, o Mestre consagrado”, para terminar com uma referência a todos os outros participantes no salão, os “novos”, sem considerações individuais sobre a sua obra.

In **BRASIL-PORTUGAL**. Lisboa. N.º 320 (16 Maio 1912), pp. 498-499. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

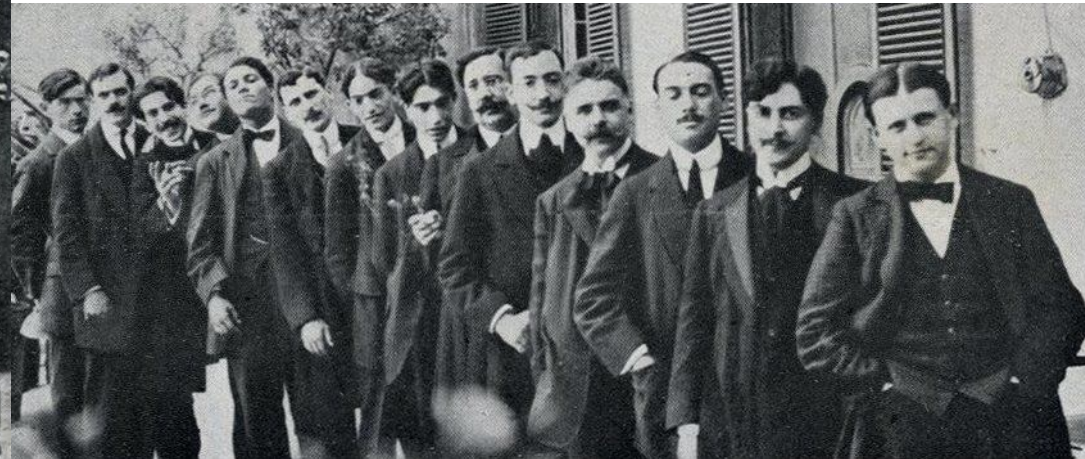


2. O **Suplemento Ilustrado do Século** brinda o I Salão dos Humoristas com um extraordinário desenho humorístico de Hipolyto Collomb, que reúne grande parte dos caricaturistas presentes. De registrar, por um lado, os sacos com a “massa do presidente”, alusivos às compras do Chefe de Estado, Manuel Arriaga, que adquiriu um quadro a cada um dos artistas, e, por outro, a legenda do “retrato” do grupo, como que a insinuar dos propósitos do salão (“zurzir a burguesia”), embora a “trapalhada” seja tanta, “que já não se endireita nem a pau”, numa clara referência à situação política e partidária. Não há um único texto sobre a exposição, nem sequer num registo humorístico, o que não deixa de ser um pouco estranho, tratando-se dum suplemento ilustrado dedicado ao jornalismo gráfico...

In **O SÉCULO. SUPLEMENTO ILUSTRADO**. Lisboa. N.º 757 (16 Maio 1912), pp. 4-5. Col. Biblioteca Museu República e Resistência – espaço cidade universitária.

3. A *Ilustração Portuguesa* dedica duas páginas ao I Salão dos Humoristas, no Grémio Literário, criticando a grande “aglomeração de quadros”, que “cansa naquela meia luz das salas “. Nota-se que o entusiasmo é moderado: “Ao lado dos caricaturistas já conhecidos pelos seus trabalhos de jornal como Manuel Gustavo, Francisco Valença, Joaquim Guerreiro e Alfredo Cândido, aparecem outros que mostram as suas tendências para variados géneros, (...) como o Sr. Jorge Barradas, muito novo ainda, que, dando às figuras, é certo, um ar pouco nacional, tem, todavia, graça no intuito, leveza na cor e na execução”. Destaque ainda para a fotografia de conjunto dos “expositores”, para as reproduções de algumas das obras expostas, e para a fotografia dos caricaturistas com o Presidente da República, Manuel de Arriaga e respectiva comitiva, cuja presença de alguma forma validava os trabalhos mais extravagantes ali presentes, os que contrastavam com o estabelecido, com a “velha” caricatura.

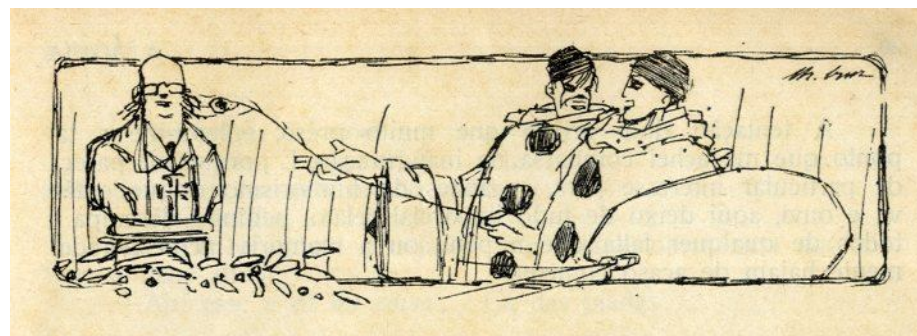
In *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*. Lisboa. N.º 326 (20 Maio 1912), pp. 647-648. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>



4. **O Ocidente**, revista ilustrada de Portugal e do Estrangeiro, opta por fazer na mesma crónica uma recensão das várias exposições que, em Maio de 1912, estavam patentes ao público na cidade de Lisboa: além do I Salão dos Humoristas, a Exposição da Sociedade Silva Porto, a dos desenhos de Leal da Câmara e a do aquarelista Alves de Sá, no Atelier Bobone. Na parte dedicada aos Humoristas, Caetano Alberto, o jornalista de serviço, informa-nos desde logo que a “afluência foi enorme”, para depois ficar por meras referências às obras de Bordalo Pinheiro e Celso Hermínio, “hoje uma recordação saudosa”, e aos modernos caricaturistas, listando todos os seus nomes. O destaque vai para uma caricatura de Alfredo Cândido, *Corda Bamba*, que pelos vistos prendeu a atenção do cronista, que a classifica de “feliz inspiração humorística”.

In **O OCIDENTE**. Lisboa. N.º 1202 (20 Maio 1912), p. 106. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

5. Na revista literária **A Águia**, do Porto, Veiga Simões deixa-nos o relato mais crítico do I Salão dos Humoristas. Num longo artigo, de 9 páginas, em jeito de balanço, começa por ser irónico, e provocador, ao afirmar: “Fechou o Salão dos Humoristas, onde nada faltou – nem sequer o humor”. Para de seguida escrever que “a máscara de Humor dos caricaturistas é cabeçuda e sombria. (...) Não é a máscara do Humor: é um retrato a crayon de amanuense com filhos e letras no fim do mês”. Depois, o articulista parte para uma série de considerações eloquentes sobre os visitantes, mas sempre num registo irónico, por vezes sarcástico. Quando resolve começar a falar dos caricaturistas, releva sobretudo Christiano Cruz, colocando-o no patamar dos predestinados: “Ao de cima do que aí se vê fazendo cócegas à vista – os marujos dos snr. Cândido, e o pim-pam-pum em barro do snr. Coisas – surge um artista **tão distante de todos** os bons senhores humoristas, que é, se os cavalheiros dão licença, o mais perfeito, o único até agora perfeito artista da caricatura nado e criado em terras de Portugal”. Num plano abaixo, influenciado por Cruz, na concepção e técnica, o crítico coloca Almada Negreiros, dotado de um “humor aberto, primaveril, como um belo corpo moço senhor da sua nudez”, em contraste com o humor solitário e sombrio do Mestre. Mas ambos partilham “a escolha nobre dos assuntos, nunca deixando o seu espírito resvalar fora dum círculo intelectual”. A par de Almada, surge Jorge Barradas, “futuro artista de elegâncias, sabendo colear uma mulher, gracificá-la, tocá-la de donaire, com uma inteligência que a observação da vida ajudará a completar e a fazer perfeito”. Para, mais adiante, concluir ainda a propósito de Barradas que “não vejo ninguém deste Salão, depois de Cristiano e de Negreiros, nem dentre os carregados de anos e serviços de chalaça aos Poderes Constituídos, que de longe se aproxime com o que faz este moço, ainda tão só gérmen dum artista”. Antes de terminar com um elogio a Ernesto do Canto, escultor “encantador”, Veiga Simões lança uma farpa aos organizadores do salão ao perguntar “porque faltou aqui Luís Filipe, dândi do traço, artista das coisas delicadas, volutuoso encantador de corpos de mulher, (...). Porque faltou Stuart Carvalhaes, em cuja obra ondeiam sob uma neblina de grande cidade, noturnos e manchas, caladas tragédias da gente humilde, erguidas a uma ironia melancólica, fugaz, brumosa...”.



In **A ÁGUIA**. Porto. N.º 7 (Julho 1912), pp. 19-26. Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa.

## II SALÃO DOS HUMORISTAS PORTUGUESES (1913)

6. O *Thalassa*, *semanário humorístico e de caricaturas*, não esquece o II Salão dos Humoristas Portugueses, novamente realizado no Grémio Literário, em Lisboa. A notícia, embora curta, destaca sem surpresa a participação de dois caricaturistas da folha monárquica na “exposição humorística”:



“Os nossos prezados camaradas de redacção Jorge Colaço e Alonso (Santos Silva), expuseram respectivamente *Os Pretinhos* (página central do n.º 3 do *Thalassa*) e duas deliciosas charges, uma dedicada ao nosso prezado colega os *Ridículos* e outra ao nosso semanário. O primeiro destes trabalhos já é conhecido do público, e sobre o seu valor basta dizer que o número do *Thalassa* onde ele veio incerto, esgotou-se. Quanto aos quadros agora apresentados por Santos Silva na *Exposição humorística*, confirmam bem o grande valor deste artista, de resto já há muito consagrado pelo seu brilhante lápis”. Ficamos também a saber que foram expostos 329 trabalhos, e que muitos deles foram adquiridos pelos visitantes. De registar ainda o “pequeno reparo” que é feito à comissão organizadora da exposição, acusada de “facciosismo político”, por não ter mencionado nas notas biográficas de Colaço e Alonso a sua

colaboração artística no *Thalassa*, ao contrário do que foi feito para “todos os expositores jornalistas”.

In **O THALASSA**. Lisboa. (12 Jun. 1913), p. 2. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

7. O semanário humorístico **O Zé** resolveu desta vez escrever sobre o Salão dos Humoristas – não o tinha feito em 1912, na primeira exposição. A notícia sai na secção “O Zé no Teatro”, assinada por E. Z., que não deu por perdido o tempo que passou no Grémio Literário, pois a impressão geral com que ficou “foi, sem dúvida alguma, boa”. Apesar de não ter pensado visitar o salão naquele dia, felizmente que o fez, pois dá-nos informações preciosas. Por exemplo, ficamos a saber que “o número de expositores subiu bastante, atingindo 29, e o geral das obras expostas também tem um excesso em valor sobre o das antecedentes”, referindo-se ao primeiro salão, do ano anterior. O que mais o impressionou, agradavelmente, “foi vermos que os nossos artistas estão dando mais atenção ao tipo português e pondo de parte esses perfis esguios, magricelas, de *englishwomen* e *cocottes* francesas que eram o prato obrigado da sua crítica”. E, mais adiante, acrescenta: “Nota-se também que há uma corrente de ideias originais, de ideias novas, entre os nossos caricaturistas e se nem todas elas são devidamente aproveitadas, elas só por si são já um bom estímulo ao trabalho”. Individualmente, destaca o trabalho de Rocha Vieira, por “fazer rir com o cómico de que revestiu as personagens criticadas”, e de Alfredo Cândido, embora criticando este por não ter tirado da originalidade do quadro *Civilização* “todo o efeito”. Em total sintonia com a linha política d’*O Zé*, ferozmente republicana, o jornalista conclui: “Esta nova exposição dos nossos caricaturistas veio confirmar ainda que a República conseguiu despertar ideias, fazer brotar iniciativas”, condição fundamental para “chamar o Portugal, velho e alquebrado dos últimos anos da monarquia, ao concerto das nações civilizadas”. Lapidar...

In **O ZÉ. SUCESSOR DO JORNAL XUÃO**. Lisboa. N.º 144 (12 Jun. 1913), p. 7. Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa.

8. A **Ilustração Portuguesa** volta a cobrir o Salão dos Humoristas Portugueses, agora na sua segunda edição. A notícia é igualmente pequena, na linha do destaque dado pelo *Thalassa*, e refere uma segunda exposição de caricaturas em Lisboa, realizada pelos alunos da Escola do Exército. Para a *Ilustração Portuguesa* isto era um claro sinal de que em Lisboa “há um tempo a esta parte se cultiva apaixonadamente o género [humorístico] tendo aparecido uma plêiade de artistas novos que são quase exclusivamente os expositores do certame do Grémio Literário” de 1912. Dá também conta de que o novo salão “tem sido muitíssimo concorrido e apreciado”. A notícia é ainda ilustrada com duas reproduções dos trabalhos expostos: *A mulher que fuma*, de Hipolyto Collomb, e *Num teatro de feira*, trabalho de Rocha Vieira.



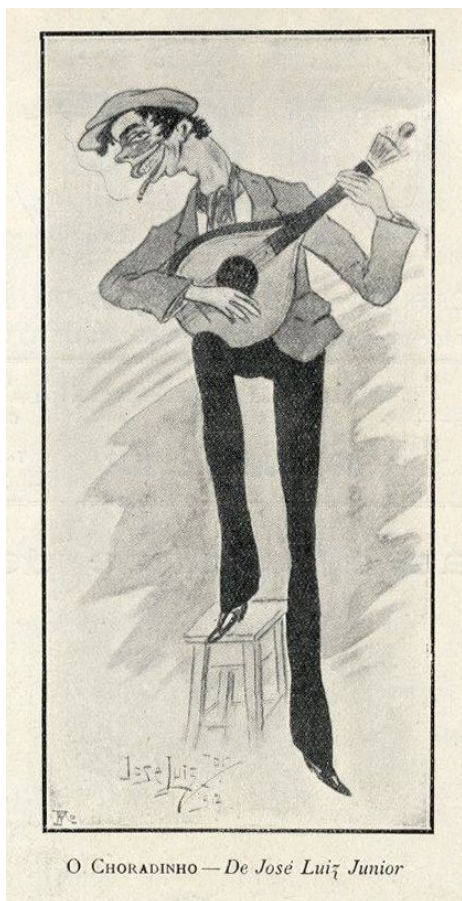
In **ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA**. Lisboa. N.º 382 (16 Jun. 1913), p. 791. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

9. Tal como em 1912, o suplemento ilustrado do jornal *O Século*, volta a ser parco em palavras, apostando novamente num desenho impactante, no topo das páginas centrais, atravessando-as a toda a largura. O desenho, novamente de Hipolyto Collomb, intitula-se “Os Expositores do Salão dos Humoristas”, e reúne “os caricaturistas mais engraçados” que, segundo **O Século Cómico**, estiveram presentes no II Salão dos Humoristas Portugueses. São eles, da esquerda para a direita: Christiano Cruz, Jorge Barradas, Almada Negreiros, Stuart Carvalhaes, Francisco Valença, Saavedra Machado (?), Leal da Câmara, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, Canto da Maia, Alonso (Joaquim Guilherme Santos Silva) e Hipolyto Collomb.

In **O SÉCULO CÓMICO. SUPLEMENTO HUMORÍSTICO DE O SÉCULO**. Lisboa. N.º 815 (19 Jun. 1913), pp. 4-5. Col. Biblioteca Museu República e Resistência – espaço cidade universitária.

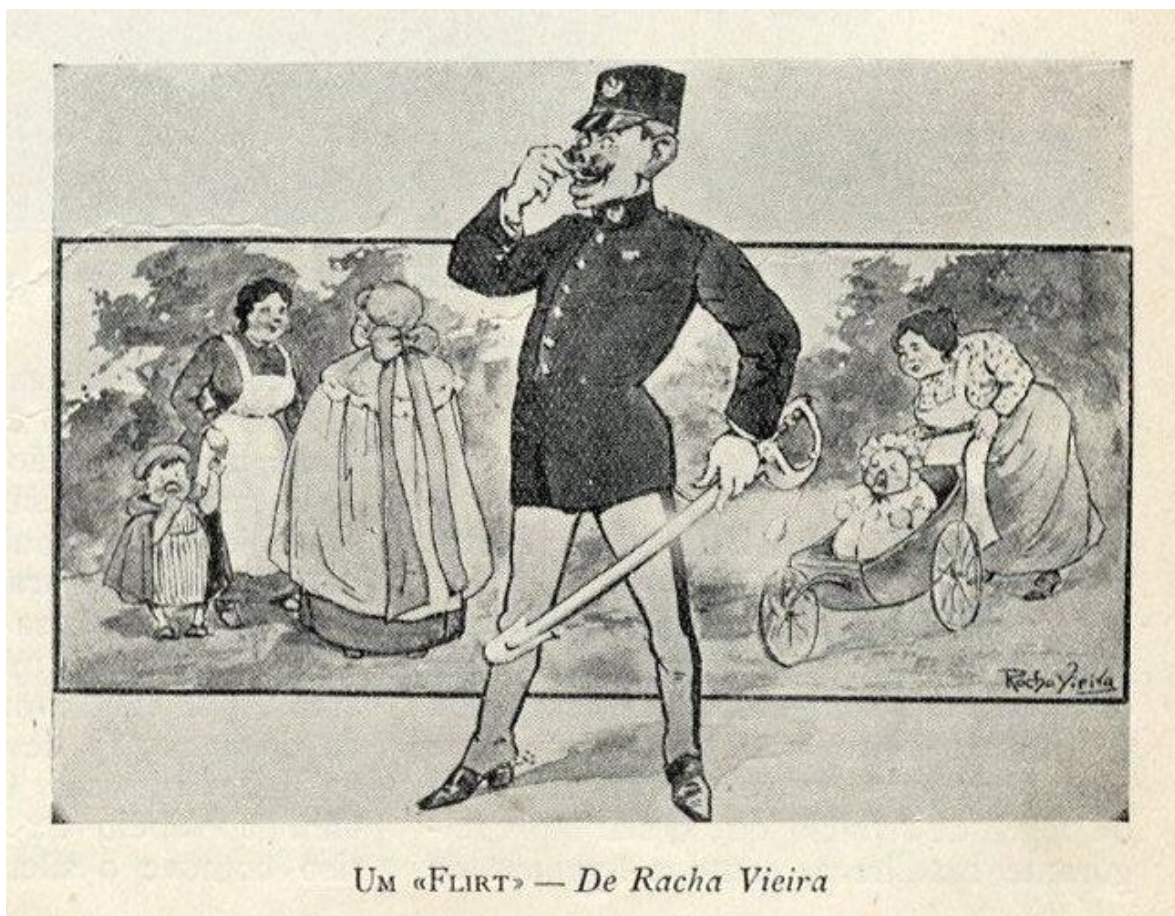


10. **O Ocidente**, pelo contrário, dá um enorme destaque ao II Salão dos Humoristas Portugueses, dedicando 3 páginas ao evento, incluídas na secção principal da revista *ilustrada de Portugal e do Estrangeiro*, na “Crónica Ocidental”. O cronista, António Cobeira, não poupa nos elogios: “Abriu o Salão dos Humoristas Portugueses. A revelação de Arte não podia ser mais bela, nem mais completa. Quão distantes vamos da tenda de campanha de Mestre Bordalo...” E não perde a oportunidade para fazer uma comparação entre a “velha” e a “nova” caricatura, depreendendo-se facilmente o seu gosto pela segunda: “A caricatura transfigura-se em



O CHORADINHO — De José Luiz Junior

fantasia. (...) Os traços caricaturais que eram **ontem** prosa chalra e galhofeira, são **hoje** desenhos melódicos, surdinas de arcos, palhetas evocando as harmonias da distância. O desenho esmaia em tonalidades musicais. Os ecos já não acordam ao apelo da gargalhada. O sorriso comove o silêncio da natureza.” Os artistas do salão teriam sido “por momentos deuses”. Feitos os elogios aos novos caricaturistas, Cobeiro parte depois para uma apreciação arrebatante dos trabalhos expostos, salientando as



UM «FLIRT» — De Rocha Vieira

“figurinhas evocativas e graciosíssimas em barro e bronze”, de Norberto Correia e Ernesto do Canto (Faria e Maia), plenas de “fluido e harmonia”, e os trabalhos em quadro (caricaturas, fantasias, pastéis, aguarelas, crayons) de Stuart Carvalhaes, Christiano Cruz, Hipolyto Collomb, Almada Negreiros, Jorge Barradas, do espanhol Adolfo Castañé, Saavedra Machado e Luiz Júnior, que segundo Cobeiro documentam “incontestavelmente a afirmação dum altíssimo talento”. O texto é ilustrado com a reprodução de dois desenhos, *O Choradinho*, de Luiz Júnior, e *Um Flirt*, de Rocha Vieira.

In **O OCIDENTE**. Lisboa. N.º 1241 (20 Jun. 1913), pp. 173-175. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>



### III SALÃO DOS HUMORISTAS PORTUGUESES (1920)

11. Das revistas ilustradas da época, a *Ilustração Portuguesa* é aquela que mais atenção dedica ao III Salão dos Humoristas, agora realizado no Salão Nobre do Teatro S. Carlos. Com efeito, a cobertura jornalística é feita ao longo de três edições, de 12, 19 e 26 de Julho de 1920. Na primeira, logo na “Crónica” (secção principal da revista), Acácio de Paiva abre a notícia referindo que “entre as exposições artísticas de que tem sido fértil o ano que decorre, uma das mais interessantes é, sem a menor dúvida, a dos humoristas”, nela concorrendo “portugueses e espanhóis, estes em pequeno número, uns e outros com trabalhos dignos de elogio, ainda mesmo os que no grande público produzem uma sensação de estranheza e de desequilíbrio, pelo arrojo dos autores – apenas dois ou três – que fugiram a todos os moldes habituais, para nos darem uma nova e extravagante visão da arte da cor do desenho”. Depois dos dois primeiros salões, de 1912 e 1913, a moderna caricatura continuava a causar alguma perplexidade! Confirmando a existência de “talento em abundância”, Paiva termina com uma crítica aos preços baixos das obras expostas, que, no seu entender, explicavam as poucas vendas efectuadas: “fossem eles justos, ou melhor ainda, exagerados, e não faltaria quem quisesse ornamentar as paredes de sua causa com tão valiosos objectos”. Na edição seguinte, a aposta é claramente na ilustração, com reproduções de muitos dos quadros exibidos no salão, a mesma fotografia de conjunto dos caricaturistas que já tinha sido publicada na revista *ABC*, e do aspecto geral do salão. Como nota nova, ficamos a saber que a exposição foi “fartamente concorrida”. O último número, de 26 de Julho, é dedicado à presença do um dos colaboradores artísticos da *Ilustração Portuguesa* no Salão dos Humoristas, Rocha Vieira. Ficamos a saber que Vieira expôs 5 trabalhos, dois deles já publicados no *Século Cómico*, *A eficácia da lei*, e *O ideal bolchevista*. Os restantes eram “absolutamente inéditos. *De prevenção* é uma galeria de figuras policiais, do melhor que no género se tem feito. *Sorriso* um bêbado que em êxtase visiona delícias e *Acanhamento* um ridículo de ruas que tem graça e a que falta ofensa”. Em conclusão, Rocha Vieira era “um trabalhador honesto, um artista íntegro que só merece considerações”, pelo que o destaque dado à obra do “companheiro de trabalho de todos os dias” era, para a *Ilustração Portuguesa*, um “acto de justiça que muito nos apraz praticar”.



In **ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA**. Lisboa. N.º 751 (12 Jul. 1920), p. 18; N.º 752 (19 Jul. 1920), pp. 41-42; N.º 753 (26 Jul. 1920), p. 57. Disponível em linha na Hemeroteca Digital: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

12. No jornal **A Batalha**, porta-voz da organização operária portuguesa, encontramos, com surpresa, uma das mais interessantes recensões críticas ao III Salão dos Humoristas. A surpresa é tanto maior pois o artigo é publicado na primeira página, em lugar de destaque, a duas colunas. O autor (assina M. D.) começa por tratar dos **“artistas espanhóis”**,

que embora tenham apresentado “trabalhos de alto valor”, não corresponderam à sua expectativa, acrescentando: “Em Espanha produz-se muito artisticamente, o melhor; alguns dos que nos enviaram os seus quadros, têm feito melhores obras e nós lamentamos profundamente não vermos alguns desenhos e caricaturas, que conhecemos através de revistas e jornais”. Segue-se depois uma apreciação individual dos trabalhos mostrados pelos caricaturistas espanhóis, de Lorenzo Aguirre, António Barbero, Vasquez Dias, entre outros. Quanto aos **“artistas portugueses”**, M. D. dispara logo com uma crítica à “pintura séria”, pois não estaria muito bem representada: “Apenas António Soares se distingue pairando muito acima de todos os outros; é digno de mais larga referência, o que nestas acanhadas colunas não podemos fazer neste momento”. O crítico limita-se a algumas considerações sobre o seu quadro original *Rapariga do Algarve*, que, no seu entender, era uma “alegoria esplêndida, onde se nota uma personalidade bem vincada”. De salientar também as impressões “desagradáveis” sobre Stuart Carvalhaes, no que toca à pintura, acusado de produzir “obras inferiores”, e “agradáveis”, relativamente à caricatura, com trabalhos que mostravam um rejuvenescimento do artista; e as apreciações (umas elogiosas, outras nem tanto) às obras de Jorge Barradas, Emmérico



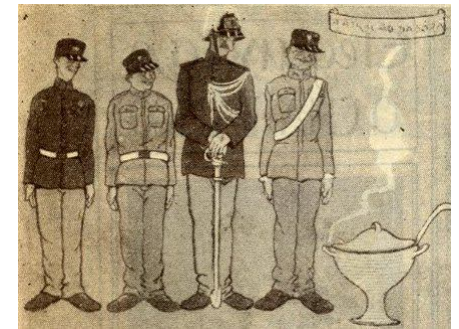
Nunes, Rocha Vieira, Meneses Ferreira e Albert Jourdain. M. D. termina a sua recensão com um parágrafo integralmente dedicado a Teles Machado, artista cubista que terá emocionado “bastante” o nosso crítico: “Por ser cubismo? Não, a escola não nos preocupa em primeiro lugar mas o fim almejado.” Fim que teria sido alcançado sobretudo no quadro *Desejo*: “É realmente bem feito, bem executado dentro da escola que prefere, e consegue perturbar. (...) Cuidado, mããs púdicãs, não permitis que vossas filhas virgens (...) estacionem muito tempo em frente deste quadro”.



Acanhamento — Sorriso — De prevenção — Rocha Vieira.

(«Clichés» Serra Ribeiro).

In **A BATALHA**. Lisboa. N.º 456 (5 Jul. 1920), p. 1. Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa.



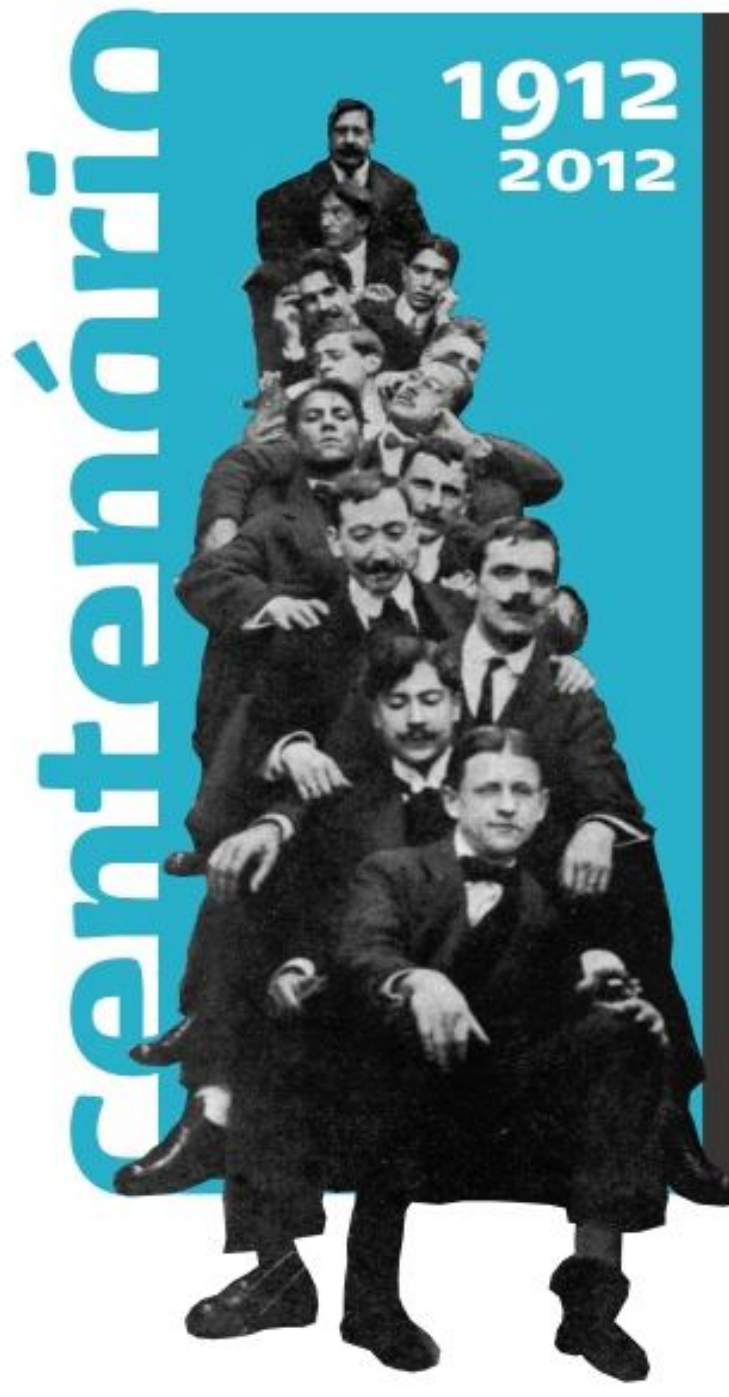
13. A imprensa política prestou igualmente atenção ao III Salão dos Humoristas Portugueses, de que é exemplo esta notícia publicada pel' **O Popular**, órgão do Partido Republicano Popular. Nela, Sarmiento Duque, desafia os lisboetas a visitarem o salão do S. Carlos, onde “habitam pendurados pelas paredes umas dezenas de quadros, legítimos filhos de talentosos pintores humoristas nacionais e estrangeiros”. No seu entender, a “novidade” carecia de uma forte divulgação, até porque, “abarrotado de política e empanturrado de crises, o alfacinha patenteia uma criminosa indiferença pelas manifestações de arte que se produzem na sua terra”. Ora, a exposição “encerra trabalhos que, sem reclame, podem classificar-se de maravilhas de bom humor”. E, mais à frente, no mesmo registo positivo, dizia: “Nesta tormentosa quadra política em que o riso amarelo é senhor, ainda há quem saiba arrancar da ponta dum lápis gargalhadas sadias, sorrisos abertos, e espirituais prazeres” – razões mais do que suficientes para justificarem a sua “intimação”: “Vai ao S. Carlos, lisboeta!”

In **O POPULAR. ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO POPULAR**. Lisboa. N.º 125 (14 Jul. 1920), p. 1. Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa.

14. Por um feliz acaso, o aparecimento da **ABC**, revista portuguesa dirigida por Rocha Martins, coincide com a realização do III Salão dos Humoristas Portugueses. Pretendendo dar uma “leitura ilustrada para todos”, era natural que a nova revista tratasse este evento para os seus leitores, o que aconteceu logo no seu número de estreia, a 15 de Julho de 1920. A notícia começa por se congratular pela presença de “trabalhos de humoristas nacionais e espanhóis, na qual, mais uma vez se realizou a confraternização dos dois povos, através da sua arte, como se ela, querendo ser a beleza, não tivesse preconceitos de fronteiras”. Numa apreciação muito genérica, refere a existência de “alguns bons trabalhos”, em resultado da participação no certame dos “nossos mais distintos caricaturistas”. E mais não disse, terminando com uma mensagem de esperança, expressa no desejo de que “atrás da fraternidade da Arte, se siga a que deve existir em todas as manifestações da vida” de Portugal e Espanha. Temos ainda uma fotografia de alguns dos “expositores”, com o ministro e cônsul de Espanha, no primeiro plano, ao centro, um aspecto geral da exposição, e algumas reproduções das obras expostas, de Stuart, Emmérico Nunes, Vasquez Dias e Meneses Ferreira.

In **ABC**. Lisboa. N.º 1 (15 Jul. 1920), p. 25. Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa.





#### FICHA TÉCNICA

*Os Salões dos Humoristas Portugueses em Lisboa 1912, 1913, 1920. Impacto na Imprensa da época*  
Mostra Bibliográfica

#### ORGANIZAÇÃO

Direcção Municipal de Cultura  
Departamento de Acção Cultural  
Divisão da Rede de Bibliotecas  
Hemeroteca Municipal de Lisboa

#### COORDENAÇÃO DO PROJECTO

Álvaro Costa de Matos

#### CONCEPÇÃO, PESQUISA, LEGENDAS E TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Álvaro Costa de Matos

#### MONTAGEM DA MOSTRA

Álvaro Costa de Matos  
Maura Pessoa

#### CONCEPÇÃO GRÁFICA DO GUIÃO

Maura Pessoa

#### FOTOGRAFIA E DIGITALIZAÇÃO DAS IMAGENS

João Carlos Oliveira

#### EDIÇÃO DO GUIÃO

Maura Pessoa

#### DIVULGAÇÃO

Maura Pessoa  
Núcleo de Comunicação e Imagem da DRB

#### EDIÇÃO

Hemeroteca Municipal de Lisboa

Lisboa, 9 de Maio de 2012

#### Agradecimentos

Rede Municipal de Bibliotecas de Lisboa  
Museu Bordalo Pinheiro  
Biblioteca-Museu República e Resistência –  
espaço cidade universitária



Hemeroteca Municipal de Lisboa  
R. São Pedro de Alcântara, 3  
1250-237 LISBOA  
Tel.: 213246290  
<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt>